

2. COM STÉPHANE LUPASCO SOBRE AS TRÊS MATÉRIAS

Que género de universo é este, se a matéria deixou de ser uma? Em que mundo começámos a viver, se os princípios estabelecidos por Aristóteles — o princípio da causalidade, o da identidade e o da não contradição — se revelaram caducos e marginais; se a própria teoria da relatividade aparece hoje como um prolongamento da física clássica e se por detrás da matéria existe uma antimatéria, e dentro do universo em que vivemos se esconde, como uma sombra invisível, um anti-universo tão gigantesco como o seu irmão inimigo? E que espécie de átomo é este que se deixa cortar e dividir até ao infinito, quando o próprio conceito de «átomo» significa indivisível e foi confundido, desde Demócrito até hoje, com a primeira e mais pequena unidade de matéria? E como é possível então continuar a viver em sociedade segundo leis e ideologias justificadas por uma ciência que deixou de o ser, sobre uma lógica e uma filosofia e, inclusivamente, uma psicologia que pertencem à história? Não se deveria procurar talvez nesse desnível entre a ciência e a sociedade, entre a nova realidade e a velha maneira de a conceber e de a utilizar, o motivo da inquietação que existe hoje no Mundo?

Stéphane Lupasco é físico e matemático, e o que o preocupa é a construção de uma nova *Weltanschauung* ou visão do Mundo, baseada nas últimas descobertas das ciências. É, pois, um filósofo das ciências, e os livros que tem publicado demonstram-no claramente. Romeno de origem, nascido numa cidade da Moldávia, estudou em Paris e é lá que vive há mais de quatro dezenas de anos, sem interrupção, escrevendo os seus livros em francês. Entre estes, os títulos mais representativos serão: *A Experiência Microfísica e o Pensamento Humano* (1941), *Lógica e Contradição* (1947), *As Três Matérias* (1960), *Que é Uma Estrutura* (1967), *A Tragédia da Energia* (1970). Estes títulos indicam, por si próprios, todo um programa de estudos e toda uma doutrina.

No seu andar parisiense, perto da Praça de Denfer-Rochereau, junto com Stéphane Lupasco e falamos até bastante tarde. Volto a vê-lo em Madrid, onde proferiu conferências. Em minha casa ou em casa de amigos, continuamos a falar destes temas e a esclarecer os

princípios básicos da sua filosofia das ciências. Esta entrevista é o fruto dos nossos encontros de Paris e Madrid, projectados sobre o fundo, diria cosmogónico, dos seus livros, pois neles se trata de uma verdadeira recriação de todos os nossos conhecimentos acerca do Universo. Um crítico comparou *As Três Matérias* ao *Discurso do Método*, de Descartes, como novidade revolucionária, aplicada, evidentemente, não só ao estritamente científico, mas a tudo o que a ciência hoje implica, como guia dos nossos pensamentos e suas aplicações.

Já na resposta à minha primeira pergunta, Lupasco estabelece os temas básicos do seu sistema. Reproduzo aqui fielmente essa resposta que a seguir esclareceremos ambos.

Vintila Horia — Depois de ter lido quase todos os seus livros e meditado sobre eles, ocorre-me fazer-lhe uma pergunta relacionada com a sua maneira de pensar, em geral; uma pergunta básica que engloba tudo e a que não é fácil responder: «Como equaciona hoje o problema do homem, depois de tudo o que tem sucedido ultimamente no mundo da ciência, mas também na história quotidiana?»

Stéphane Lupasco — O grande problema é um dos grandes enigmas do ser humano é o conhecimento e, em especial, o conhecimento científico. Uma evolução neste sentido implicará uma linguagem cada vez mais simbólica e, como consequência, a produção de máquinas cibernéticas cada vez mais complexas e eficientes. Não obstante, outro fenómeno ainda mais enigmático coexiste com o do conhecimento, e é o da carga ou da riqueza afectiva. Poderíamos afirmar que essa riqueza afectiva está a ser destruída e a desaparecer à medida que se desenvolve o conhecimento científico? Significando a afectividade o único conjunto visível de dados ontológicos pertencentes ao sistema energético que constitui o ser humano, podemos perguntar-nos se a evolução do conhecimento — que é a evolução de algumas relações entre os factos e alguns princípios inteligíveis — não traz consigo um estiolamento afectivo e, por conseguinte, um empobrecimento dos valores ontológicos. Esta eventualidade é como que favorecida pela influência cada vez maior da lógica de não contradição e de identidade, isto é, de homogeneização sobre a consciência. A matemática que esta lógica comanda e domina é o instrumento desta homogeneização, com aplicações directas ou indirectas em todos os sectores da vida actual. Uma evolução para um homem cada vez mais mecanizado e exteriorizado, com uma vida interior implicando reflexão, isto é, contradição e debate, cada vez mais reduzida, é de temer. Só uma mudança considerável do pensamento lógico e matemático, como o que eu preconizo, é capaz, na minha opinião, de imprimir a esta evolução um sentido diferente.